

PROVINCIALIZAR AS CATEDRAIS¹

Rodrigo Toniol²

Resumo: Este texto é a resposta aos comentários de Adriano Godoy, Andrea Roca, Eduardo Dullo e María Pilar García Bossio. Nele retomo alguns dos principais pontos destacados por cada um dos autores e acrescento as razões teóricas que, embora não enunciadas no artigo original, sustentam minha proposta de uma análise material dos templos católicos.

Palavras-chave: Religião material; Catolicismo; Materialidade; Arquivos.

PROVINCIALIZING THE CATHEDRALS

Abstract: This text is a response to the commentaries by Adriano Godoy, Andrea Roca, Eduardo Dullo, and María Pilar García Bossio. In it, I revisit some of the main points raised by each of the authors and add the theoretical reasons that, although not stated in the original article, underpin my proposal for a material analysis of Catholic churches.

Keywords: Material religion; Catholicism; Material politics; Archives.

Começo esta tréplica, como convém, agradecendo imensamente ao diálogo franco com colegas que admiro e cuja produção acadêmica acompanho com entusiasmo. Além disso, julgo que vale a nota celebratória

¹ Como citar: TONIOL, Rodrigo. Provincializar as catedrais. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n.47, e156325, 2026.

² Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Brasil. Atualmente, é professor do Departamento de Antropologia Cultural da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Jovem Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ, Bolsista de produtividade pelo CNPq, membro da Academia Brasileira de Ciências e coordenador do grupo de pesquisa Passagens. E-mail: rodrigo.toniol@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1169-5253>.

à manutenção desta seção em *Debates do NER*, cuja existência guarda o espírito mais geral deste periódico. Aos leitores que chegaram até aqui, acompanhando em sequência meu artigo original seriado pelos comentários de Adriano Godoy, Andrea Roca, Eduardo Dullo e Pilar Bossio, advirto que nesta tréplica serei tão sistemático quanto puder. O que não significa que deixarei de gozar da liberdade que este tipo de estrutura de debate permite e, por isso, me permitirei flunar pelos textos de meus colegas, bem como pelos *insights* (eventualmente não justificados) que eles evocaram em mim.

Antes de tudo quero fazer desta tréplica uma espécie de movimento anti-tréplica, se entendermos esse tipo de texto como o momento no qual o autor reassegura todas as suas formulações explícitas e deixa ainda mais no fundo da caixa d'água, as razões mais superficiais e talvez por isso mais ocultas, que o motivaram a escrever. Meu ponto de partida mais superficial – e por isso, mais profundo – foi simplesmente o de chamar atenção para três aspectos: é rentável fazer análises materiais da religião; a forma material de ocorrência do catolicismo é instigante; analisar qualquer dimensão material impõe a necessidade de pensar processos temporais³.

Claro que para cada um desses aspectos há desdobramentos e encadeamentos importantes, assim como há pressupostos teóricos eventualmente não enunciados. Aproveitarei a ocasião para levantar algumas dessas cortinas.

Embora nem sempre isso esteja explícito em meus trabalhos, o que mobiliza o meu pensamento e mais me instiga intelectualmente é a fenomenologia. Em meus anos iniciais de formação acadêmica fui um leitor contundente – tanto quanto cabe a um antropólogo-que-não-é-filósofo – de Maurice Merleau-Ponty, assim como de Martin Heidegger⁴. Nos anos

³ Sobre este último aspecto chamo atenção para um esforço particular recente em minha produção acadêmica para destacar o fato de que só é possível fazer análises materiais se dois outros componentes estiverem em jogo: o corpo que percebe e o tempo que transforma. Sobre a importância do corpo já me dediquei noutros textos (Toniol, 2021), por isso aqui mantenho atenção sobretudo no espaço.

⁴ Devo parte do interesse a Carlos Alberto Steil e Isabel Carvalho que, objetivamente, me forjaram intelectualmente.

seguintes, fui diretamente supervisionado ou acompanhado com alguma proximidade por antropólogos que igualmente reconhecem na fenomenologia um universo estimulante, nominalmente Thomas Csordas, Birgit Meyer e Tim Ingold. Reconhecer essa herança importa aqui porque é do colapso de dicotomias como sujeito/mundo, forma/conteúdo, meio/mensagem, representação/realidade, mente/corpo que parte meu pensamento. E foi nesta esteira que nos últimos anos também descobri⁵ uma parte da obra de Gaston Bachelard que desconhecia.

Trata-se não do Bachelard epistemólogo, mas sim do filósofo que escreveu um conjunto de quatro livros dedicados à imaginação da matéria: *A psicanálise do fogo* (1999), *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria* (1998), *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento* (2001), *A terra e os devaneios da vontade* (2001b). Foi neste último livro citado que encontrei tremenda fonte de inspiração para o desenvolvimento de algumas formulações do artigo em tela. Naquela obra, Bachelard argumenta que toda forma de imaginação encontra na materialidade rés do mundo o seu insumo fundamental. É a matéria a mãe da técnica, assim como é a concretude do mundo o elemento de saída para qualquer imaginação sobre ele. Recuperar Bachelard e minha verve fenomenológica importa porque quando afirmo que "é rentável fazer análises materiais da religião" e que "a forma material de ocorrência do catolicismo é instigante" estou dizendo a um só tempo que: a análise material deve ser fiel ao interesse pela materialidade concreta das coisas e não ir para longe delas; e que analisar materialmente o catolicismo é método e não finalidade.

É por isso que por mais que eu possa reconhecer que o meu texto encontra ressonâncias na estrutura da análise ritual de Victor Turner, no debate sobre controvérsia e espaço público, nas questões sociais e políticas das formas da presença católica no cotidiano, há uma diferença fundamental e que insisto em marcar: ao contrário de muitas dessas proposições, meu ponto de partida analítico e o fio condutor que orienta os percursos das

⁵ Sou tributário ao empreendimento desta descoberta à Marcella Araujo.

minhas pesquisas são as coisas materiais. Assim, o ritual, a controvérsia e a política me interessam neste texto na sua forma material de ocorrência. O que busquei no artigo foi apresentar um roteiro possível para que outros pesquisadores mobilizados por questões próximas às minhas encontrassem respaldo. E também, para aqueles pesquisadores que desconfiam da relevância do debate material, procurei apresentar razões para que, ao menos, comecem a desconfiar de suas certezas.

Os movimentos procedidos no texto são resultado de uma obra coletiva realizada no âmbito do Passagens, grupo de pesquisa que coordeno, e na interlocução imediata com Marcella Araujo. A esses dois tributos não posso escapar porque daí saíram o repertório empírico e intelectual que viabilizaram aquela que gostaria que fosse uma das contribuições deste artigo: a de que para discutir materialidade é preciso discutir formas de passagens, de transformações, de mudanças de regimes de valor, de impermanências da própria forma material da materialidade.

Trata-se assim de uma antropologia atenta às materialidades, mas refratária a qualquer presunção de estabilidade. Observar as materialidades é, sugiro, um caminho promissor para perspectivas antropológicas processualistas e interessadas em descrever os efeitos da passagem do tempo. Isso também não significa embarcar pura e simplesmente numa lógica na qual tudo é fluido e se esvai, pelo contrário! É justamente porque reconheço a impermanência das coisas e sua fluidez que me interesso pelas formas a partir das quais inúmeros atores, instituições, processos políticos, etc., atuam para produzir fronteiras, demarcações e estabilidade. Em suma, o que interessa numa antropologia das passagens é reconhecer a instabilidade do mundo para analisar as inúmeras formas que tentam ordená-lo, estabilizá-lo e delinear os seus limites.

Talvez valha sublinhar o equívoco de quem reclama da ausência de política na antropologia das materialidades, ou em qualquer perspectiva que parta da fluidez⁶. A proposta não abre mão da política; apenas se recusa a

⁶ Não é o caso de nenhum dos comentadores, para deixar claro.

confiná-la à forma discursiva e a tratar as formas materiais como seu mero resultado. O que está em jogo é buscar descrever as formas materiais de realização da política e perceber nas tentativas de estabilização material o exercício de um ato político. Demarcar um objeto como patrimônio, por exemplo, é uma ocorrência de política material estabilizante. Quando este mesmo patrimônio é destombado para dar lugar a uma avenida, o que está em jogo é outra ocorrência de uma disputa política material pela estabilização da matéria.

Estou em pleno acordo com Dullo de que é preciso ultrapassar a sedução do debate político do calor da hora para habilitar ou desabilitar o catolicismo como objeto pertinente das ciências sociais contemporâneas. Talvez o melhor caminho para isso seja, por um lado, reconhecer que o debate público pode até exigir dos intelectuais respostas àquilo que se coloca conjunturalmente e os acadêmicos podem e devem reagir a essas questões mais amplas – eu mesmo gasto bastante energia nessas questões escrevendo semanalmente sobre religião na Folha de S. Paulo. Por outro lado, essa agenda pública não necessariamente deve se sobrepor às questões das ciências sociais sobre o catolicismo, cuja temporalidade, densidade e ritmo do debate nada têm a ver com o exercício do intelectual público – novamente, sou o primeiro da fila no reconhecimento da necessidade desta dissociação.

É por isso que a política material aqui referida não necessariamente é a política dos dilemas ordinários da nação, ainda que estes dilemas ordinários também tenham encarnações materiais. Ao contrário da curta vida das análises conjunturais, a análise material naquilo que ela mais instiga, as densas formas de passagem do tempo, demanda arcos históricos mais longos do que o presentismo que algumas formas de fazer antropologia estimulam. E é assim que os arquivos ganham para mim absoluta centralidade.

Já faz pelo menos uma década que me dedico a pesquisas em arquivos (Toniol, 2017). Na investigação sobre as formas materiais de transformação dos templos católicos, no entanto, esse empreendimento ganhou outra escala. Faço referência tanto à densidade teórica que este mergulho tem imputado em mim, como também ao volume de questões sobre o tema que

se amplificou na medida em que passei a ter que manejar e me mover em acervos de quase uma dezena de instituições arquivísticas: do maravilhoso arquivo da Biblioteca Nacional ao igualmente maravilhoso porém caótico acervo da Igreja de Nossa Senhora da Lampadosa, cuja organização é fruto do trabalho de Yara Barroso, minha bolsista de iniciação científica.

A despeito das dificuldades, a pesquisa em arquivo é um dos caminhos que me parecem mais promissores para o tipo de reflexão que apresentei no artigo agora publicado. Talvez justamente por aquilo que Dullo chamou de temporalidade longa trans-geracional, são os arquivos que me permitem acompanhar os registros das disputas e variadas tentativas de estabilização da matéria de igrejas católicas. Estimular a pesquisa em arquivo também me parece ser um ponto de partida promissor para levar a sério o que García Bossio afirma ao dizer que por mais difícil que seja o empreendimento, é possível fazer uma análise das transformações materiais dos templos católicos em escala latino-americana. É evidente, para me adiantar aos críticos de nosso entusiasmo, que os arquivos serão parciais, limitados e variavelmente precários. Mas é justamente isso o que escapa a esses críticos: a pesquisa em arquivo não toma os documentos como a integralidade da história a ser contada. O que ela faz é tratar o próprio acervo, tal como ele existe, com seus vieses e limitações, como uma unidade de análise em si mesma. O arquivo não é uma janela para o real, mas uma forma de enquadramento. Comparar arquivos é, por isso, comparar enquadramentos. É a esse exercício, e não à ilusão de uma janela para o real, que um empreendimento latino-americano sobre a vida material dos templos teria de se dedicar.

Na pesquisa em arquivo há perdas significativas, evidente. Usualmente ficam de fora, por exemplo, a beleza cotidiana das devoções tão bem descritas por Adriano Godoy. Assim como também possivelmente ficam de fora as disputas materiais pelas reformas em pequenas capelas, igrejas periféricas e templos rurais que Godoy e Andrea Roca igualmente chamaram a minha atenção. Eu poderia reagir simplesmente dizendo que a falta de registro dos processos materiais destes templos nos arquivos oficiais do Estado e da Igreja é mais uma demonstração da invisibilidade das margens, das periferias

e do mundo rural – isso também é verdade. No entanto, opto por principalmente chamar atenção para o fato de que o meu texto pode ajudar a também imaginarmos esses templos em suas formas materiais de existência.

Parece-me que a limitação do acesso aos documentos oficiais sobre ocorrências materiais dessas pequenas igrejas não desfaz a sugestão mais geral de que esses templos também são atravessados pela transformação material. Sequer sou capaz de recuperar o volume de histórias que ouvi no Brasil e no exterior quando apresentei essa minha pesquisa acerca de como, por exemplo, telhados de antigas igrejas rurais abandonadas foram parar nas casas de novos moradores da região. Essa espécie de princípio lavoisieriano das constantes montagens e desmontagens de templos católicos vale tanto para os grandes templos demolidos como também para os pequenos templos arruinados.

A oposição entre as igrejas que trato no artigo e os templos rurais ou periféricos não me parece profícua. Meu argumento é o de que os templos católicos embora pareçam perenes, não o são; e se assim parecem é em função de alguns arranjos materiais de suas formas de existência. Ora, ao fim e ao cabo o argumento poderia ser resumido em: os templos católicos são precários em sua permanência e mudam o tempo todo. Por isso mesmo, quando Godoy narra a conversa com o bispo ou menciona as gambiarras de igrejas modestas estamos em absoluta convergência. Assim como quando Roca menciona os templos rurais que se fazem e se desfazem o tempo todo. Se Godoy e Roca concordam que nas margens do catolicismo a mutabilidade dos templos não é uma questão, que o fato sirva, então, para provincializarmos as grandes catedrais e devolvermos a elas sua precariedade escondida.

Devo admitir, no entanto, que nutro particular interesse intelectual pelas grandes igrejas, pelas catedrais, pelos espaços carregados por histórias densas, oficiais e extensamente documentadas. Além da eventual pulsão inconsciente que motiva esse interesse, sua justificativa teórica é dupla. A primeira, mais imediata: esses espaços são aqueles que para análises documentais e de arquivo mais oferecem material de pesquisa. A segunda, um pouco menos óbvia. As catedrais são aquilo que podemos reconhecer como

parte da banalidade do catolicismo. Isso é, do privilégio daquele tipo de instituição, pensamento, configuração e estrutura social que apenas o tempo, o poder e a ampla naturalidade com que são tratadas podem assegurar (Oliphant, 2021). É a banalidade do catolicismo o que mais me interessa, sua capacidade de ser invisível e parecer eterno. Por isso, é das catedrais e das igrejas mais documentadas que me ocupo.

Por fim, quanto ao pertinente comentário de Godoy sobre a arbitrariedade da diferença entre o momento da construção e as situações ordinárias e corriqueiras de reparo de uma igreja. Estou plenamente de acordo e, mais do que isso, tenho tentado explicitar esse ponto em todas as minhas apresentações desta pesquisa dizendo que a obra é um ato contínuo. E aqui a língua portuguesa é bastante generosa na medida em que a palavra obra serve tanto para designar a reforma do reboco de uma capela que caiu em Muzambinho, no interior de Minas Gerais, quanto uma peça em mármore de carrara de Michelangelo em Roma. A indistinção, nesse caso, nos ajuda a olhar para a obra como um ato-contínuo, capaz de incluir naturezas materiais muito diversas. Por isso, é verdade que as igrejas estão sempre em construção, ou então sempre em obra. No entanto, essa superfície concreta e indistinta, em que começo, meio e fim se confundem o tempo todo, é também o tempo todo demarcada, contida, registrada. Aqui, mais uma vez, a incontinência do mundo real encontra a vontade de nomear, demarcar e delimitar que os gestores da Igreja e os burocratas do Estado tanto prezam.

Entendo, no entanto, que o apontamento de Godoy não é sobre as diferenças feitas por esses burocratas, mas sim, pela distinção que eu, como analista, sugeri. Aqui, preciso dar mais uma volta no parafuso. Isso porque meu objetivo não é insistir na descontinuidade entre construção e reforma. Se evoco a diferença é, antes, para inscrever as reformas, a obra como ato-contínuo, no horizonte de interesse dos pesquisadores que se ocupam da construção de templos. E neste quesito é justamente o trabalho de Godoy (2020) o melhor exemplo no Brasil desta indistinção que, com razão, ele destacou em seu comentário.

Finalizo este texto mais uma vez agradecendo o debate proporcionado pelos meus comentadores e à *Debates do NER* pelo espaço cedido. Essa foi uma experiência muito estimulante e espero que, para os leitores, ao menos tenha ajudado a ver mais impermanências nos granitos, mármore e pedras das nossas catedrais.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BOSSIO, María Pilar García. Comentario al texto de Rodrigo Toniol. Cambiar para permanecer. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n. 47, e156135, 2026.

DULLO, Eduardo. Comentário ao texto de Rodrigo Toniol. Da virada material à virada católica?. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n. 47, e156136, 2026.

GODOY, Adriano Santos. *Cultivando a Casa de Maria: materialidades da Basílica Nacional de Aparecida*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - PPGAS/UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2020.

GODOY, Adriano. Comentário ao texto de Rodrigo Toniol. A beleza e a morte material dos templos, Porto Alegre, *Debates do NER*, ano 26, n. 47, e156323, 2026.

OLIPHANT, Elayne. *The Privilege of Being Banal: Art, Secularism, and Catholicism in Paris*. Chicago: University of Chicago Press, 2021.

ROCA, Andrea. Comentário ao texto de Rodrigo Toniol. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n. 47, 156133, 2026.

TONIOL, Rodrigo. Atas do espírito: a Organização Mundial da Saúde e suas formas de instituir a espiritualidade. *Anuário Antropológico*, v. 42, n. 2, p. 267-299, 2017.

TONIOL, Rodrigo. Religião material – um sobrevoo. In: MENEZES, Renata de Castro; TONIOL, Rodrigo (orgs.). *Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2021.

TONIOL, Rodrigo. A vida material dos templos católicos. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 26, n. 47, e156134, 2026.

Recebido em: 22/06/2026

Aprovado em: 29/06/2026